

A MODERNIDADE E A VIDA COTIDIANA: SUAS RELAÇÕES COM O SUICÍDIO EM PERNAMBUCO NA DÉCADA DE 1920

Pedro Frederico Falk¹

Resumo

O suicídio é um fenômeno complexo, porém o ato suicida encontra-se sempre voltado ao mundo em que tal pessoa se insere. Assim, usando como base teórica, Émile Durkheim e Freud, nos voltaremos ao suicídio no Recife na década de 1920. Esse foi um período de extrema modificação na vida cotidiana das pessoas, mudando seus valores e seus costumes, fato que causou atrito entre o moderno e o tradicional. Evidências sugerem que houve certo aumento nas taxas de suicídio nos anos 20, visto que a modernidade afetou, diretamente, as relações afetivas. A imprensa serviu como instrumento de divulgação dos casos, tanto de suicídio como de tentativas, inclusive, publicando as cartas de despedidas. A medicina, também, teve o seu papel, pois o suicídio foi alvo de estudos médicos.

Palavras-Chave: Suicídio, Modernidade, Conflitos, Década de 1920, Recife.

Abstract

Suicide is a complex phenomenon, yet the act of suicide is always directed to the world in which the person is inserted. So, using as theoretical basis, Émile Durkheim and Freud, we turn to the suicide in Recife in the 1920s. This was a period of great changes in people's daily lives, modifying their values and customs, a fact that caused conflict between the modern and the traditional. Evidence suggests that there was a certain increase in the suicide rates in the 20s, for the modernity affected, directly, the affective relationships. The press served as an instrument of disclosure of the cases, both suicide and attempted suicide, even publishing the goodbye notes. Medicine, also, had its role, since suicide was an object of medical studies.

Keywords: Suicide, Modernity, Conflicts, 1920s, Recife.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da UFPE, sob a orientação do Prof^o Carlos Alberto Cunha Miranda.

Introdução

A espécie humana é aquela unicamente capaz de refletir sobre a sua existência e de decidir entre a vida e a morte. A humanidade em si só existiu e ainda existe pelo simples fato de nós humanos achamos razões para nos mantermos aqui presentes, contudo, existem aqueles que decidem acabar voluntariamente com a sua existência antes de morrer por doença, velhice ou violência.²

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) aproximadamente um milhão de pessoas se suicidaram no ano 2000, tornando isso uma das dez causas mais frequentes de mortes em alguns países. Além do mais, estima-se também que entre dez a vinte milhões de pessoas tenham tentado o suicídio.³

Entretanto, o suicídio não é algo particular do Mundo Contemporâneo, pois estudiosos dizem que o suicídio sempre existiu, sendo encontradas evidências de sua existência nas culturas pré-históricas.⁴ O que viria a mudar é como o suicídio é visto em diferentes épocas e por diferentes sociedades. Assim, o suicídio já foi aceito e até incentivado, como também já foi condenado.

De aceito, o suicídio passou a ser considerado influenciado por forças demoníacas, foi considerado crime e também relacionado às doenças mentais.

“De qualquer forma, o que podemos observar é uma gradual mudança na percepção da sociedade em relação ao suicídio, que, ao invés de simplesmente condená-lo, tenta

2 MINOIS, Georges. *History of Suicide: Voluntary Death in Western Culture*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1999, p. 2

3 ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Prevenção do Suicídio: Um Recurso para Conselheiros*. Genebra: Organização Mundial de Saúde, 2006.

4 CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez. “O Suicídio ao Longo dos Tempos”. In: CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez (editores). *Suicídio: uma morte evitável*. São Paulo: Atheneu, 2006.

compreendê-lo. O suicida passa pouco a pouco a ser considerado *non compôs mentis* (não tendo a cabeça no lugar). Isso vai acontecer, interessantemente, em um momento em que se começa a discutir o tratamento dos doentes mentais e a se abrir instituições para o tratamento desses pacientes.”⁵

Segundo Alvarez⁶, a questão da relação do suicídio com a alienação mental deveu-se a uma estratégia dos advogados na Inglaterra, pois nesse país as leis do confisco dos bens dos suicidas só foram alteradas em 1870. Essa estratégia consistia em considerar o suicídio ocorrido num momento de desequilíbrio mental, visando a garantir que o ato não fosse considerado de felonía e, com isso garantindo a herança para os familiares, além do enterro religioso.

De fato, só foi no século XIX que se buscou uma visão mais científica do suicídio, como pela psiquiatria através de Esquirol. Também foi no final do século XIX que se iniciou o estudo do suicídio sobre um viés sociológico, com o livro *Le Suicide* (O Suicídio) de Émile Durkheim.

Com relação ao Brasil, foi também no século XIX, que aqui se iniciaram os estudos sobre o suicídio, por meio das Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, nas quais os médicos abordaram o tema na órbita das doenças e dos distúrbios mentais; das paixões e excessos; das diferenças sexuais; das influências da literatura (fonte de imitação), entre outras.⁷

Com o avanço do Capitalismo e a introdução da modernidade no Brasil, podemos supor que houve certo aumento nas taxas de suicídio no início do século XX, em especial, na década de 1920 – período do foco deste trabalho. Este foi um período pelo qual nosso país sofreu mudanças, contudo, essa modernidade não era aceita por todos, havendo certo “conflito” entre o moderno e o tradicional.

5 CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez. “O Suicídio ao Longo dos Tempos”. In: CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez (editores). *Suicídio: uma morte evitável*. São Paulo: Atheneu, 2006. p. 8.

6 ALVAREZ, A. *O Deus Selvagem: Um Estudo do Suicídio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

7 LOPES, Fábio Henrique. *A Experiência do Suicídio: Discursos Médicos no Brasil, 1830-1900*. Tese de Doutorado em História. Universidade Estadual de Campinas, 2003.

A década de 1920, segundo Marly Rodrigues, ficou conhecida como “os anos loucos”, pois a Primeira Guerra Mundial, com a sua violência, evidenciou a fragilidade humana. A guerra, também, aproximou os homens da ambivalência da relação entre o eterno e o efêmero, sendo este caracterizado pela acelerada transformação pela qual passava o cotidiano das sociedades.⁸

Desta forma, supomos o aumento do suicídio ao observarmos o trecho do artigo publicado no periódico *O Dia* de 31 de março de 1921, “*Raro é o dia em que a imprensa diaria não noticia um suicídio.*”⁹, nos faz supor um aumento nas taxas de suicídio no Recife, bem como o seu “caráter cotidiano” no Recife na década de 1920.

Outro fator que nos faz supor o alto na taxas de suicídio em Recife na década de 1920 deve-se ao quadro estatístico decrescente elaborado por Silva *et al.*¹⁰, no período de 1928 a 1944. Eles fizeram um levantamento nas taxas de suicídio na cidade de Salvador, possivelmente outra cidade de influência do Nordeste brasileiro da época. Eles obtiveram o seguinte resultado: “1928 a 1932 (9,14 a 9,23)/100,000 habitantes; 1933 (7,25); 1934 a 1944 (variação de 4,61 a 6,66);”¹¹. Além do mais, pesquisas no banco de dados das teses de medicina da Faculdade de Medicina da Bahia¹² nos mostram que das três teses, que tiveram o suicídio como tema, estas datam de 1927, 1929 e 1930.

Contudo, antes de detalharmos a questão da modernidade no Brasil da década de 1920 e da questão do suicídio no Recife, torna-se, imprescindível,

8 RODRIGUES, Marly. *O Brasil na Década de 1920: os anos que mudaram tudo*. São Paulo: Ática, 1997.

9 O DIA. “O Maior dos Crimes!...”. *O Dia*. Recife, 31, março, 1921. no 7, p. 4. (Aqui será mantida a ortografia original dos textos.)

10 SILVA, et al. Epidemiologia do Suicídiona Cidade de Salavdor. *Revista Brasileira de Neurologia*, 31(1): 19-25, 1999. Apud BAPTISTA, M. N.; BORGES, A. & BIAGI, T. A. “Pesquisas de Suicídio no Brasil”. In: BAPTISTA, Makilim Nunes (org.). *Suicídio e Depressão: Atualizações*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004, p. 23.

11 BAPTISTA, M. N.; BORGES, A. & BIAGI, T. A. “Pesquisas de Suicídio no Brasil”. In: BAPTISTA, Makilim Nunes. *Suicídio e Depressão: Atualizações*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004, p.25.

12 LAPEH – UFPE.

fazermos primeiro um breve levantamento das principais teorias referentes ao suicídio.

Suicídio e Suas Principais Teorias:

Primeiramente, o que seria o suicídio? A palavra suicídio deriva do latim, das palavras *sui* e *caedes*, em que a primeira significa si mesmo e a segunda, ação de matar, logo ação de matar a si mesmo. Existem, entretanto, controvérsias quanto à origem desse termo, pois alguns estudiosos colocam a sua origem com Sir Thomas Browne da Inglaterra em 1643, outros com Charleton em 1651, e outros com Edward Phillips em 1662. Há, ainda, os que referem que a palavra suicídio foi primeiramente usada na França pelo abade Prevost em 1734 e outros com o abade Desfontaine em 1737.¹³

Quanto à definição sobre o que seria o suicídio, esta também não é uniforme, como podemos ver a seguir. Para Corrêa e Perez¹⁴ o suicídio seria *“todo ato, executado pelo próprio indivíduo, cuja intenção seja a sua morte, através de um meio no qual o indivíduo acredita resultar no fim da sua vida.”*

Halbwachs¹⁵ define o suicídio como *“todo caso de morte que resulta de um ato realizado pela própria vítima, com a intenção de se matar, e que não é um sacrifício”*. Baechler¹⁶ tem o suicídio como *“todo comportamento que procura e acha solução para um problema existencial fazendo um atentado*

13 CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez. “O Suicídio ao Longo dos Tempos”. In: CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez (editores). *Suicídio: uma morte evitável*. São Paulo: Atheneu, 2006.

14 CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio P. “O Suicídio: Definições e Classificações”. In: CORRÊA, H.; BARRERO, S. P. (editores). *Suicídio: uma morte evitável*. São Paulo: Atheneu, 2006, p. 30.

15 HALBWACHS, M. Les causes du suicide. Paris: Felix Alcan, 1930. Apud CORRÊA, H.; BARRERO, S. P. “O Suicídio: Definições e Classificações”. In: CORRÊA, H.; BARRERO, S. P. (editores). *Suicídio: uma morte evitável*. São Paulo: Atheneu, 2006, p. 31.

16 BAECHLER, J. Les suicides. Paris: Calmann-Lévy, 1975. Apud CORRÊA, H.; BARRERO, S. P.. “O Suicídio: Definições e Classificações”. In: CORRÊA, H.; BARRERO, S. P. (editores). *Suicídio: uma morte evitável*. São Paulo: Atheneu, 2006, p. 31.

contra a vida do sujeito". Já para o Shneidman¹⁷ - considerado o pai da suicidologia moderna - o suicídio consiste "[n]um ato consciente de auto-aniquilação, mais bem entendida como um mal-estar multidimensional em um indivíduo cheio de necessidades que percebe o suicídio como a melhor solução".

Sabendo das limitações e possibilidades que possuem as diferentes definições¹⁸, aqui será considerada a definição de Émile Durkheim, que define o suicídio como

*"todo o caso de morte que resulta diretamente ou indiretamente de um ato positivo ou negativo praticado pela própria vítima, ato que a vítima sabia dever produzir esse resultado. A tentativa de suicídio é o ato assim definido, mas interrompido antes que dele resulte a morte."*¹⁹

Assim, como há variações das definições do suicídio, também existem diferentes teorias referentes ao suicídio, estas variando também com relação à questão da área de ênfase. Existem três principais áreas de ênfase para explicar o suicídio, sendo elas pelas teorias psiquiátricas, psicológicas e sociológicas.²⁰

A teoria psiquiátrica foi a primeira que tentou explicar o suicídio, surgindo no início do século XIX e sistematizada por Esquirol, que foi mencionado anteriormente. Desse modo, procurou-se associar o suicídio aos defeitos mentais, chegando à conclusão de que os suicidas são alienados. Inclusive, ainda hoje há a associação do suicídio com transtornos mentais – contudo com teorias levando em consideração conhecimentos modernos,

17 SHNEIDMAN, E. S. Definition of suicide. New York, 1985. Apud CORRÊA, H.; BARRERO, S. P.. "O Suicídio: Definições e Classificações". In: CORRÊA, H.; BARRERO, S. P. (editores). *Suicídio: uma morte evitável*. São Paulo: Atheneu, 2006, p. 31.

18 CORRÊA, H.; BARRERO, S. P.. "O Suicídio: Definições e Classificações". In: CORRÊA, H.; BARRERO, S. P. (editores). *Suicídio: uma morte evitável*. São Paulo: Atheneu, 2006.

19 DURKHEIM, Émile. *O Suicídio*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 15.

20 CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio P. "As Teorias do Suicídio". In: CORRÊA, H.; BARRERO, S. P. (editores). *Suicídio: uma morte evitável*. São Paulo: Atheneu, 2006.

tais como: biologia molecular, genética e epidemiologia –, tanto que especialistas estimam que 90% dos suicidas possuíam algum tipo de transtorno.²¹

Dentre as teorias psicológicas e as teorias sociológicas referentes ao suicídio, temos como seus principais teóricos Freud e Durkheim, respectivamente. Estudos, estes, que ainda hoje permanecem indispensáveis para o entendimento do suicídio.²²

Freud e o Suicídio

Freud (médico austríaco e fundador da psicanálise), em si, nunca se dedicou, diretamente, ao estudo do suicídio, exceto pelo seu breve artigo intitulado *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio*²³, que segundo Denyse Lima²⁴ não há nenhuma contribuição efetiva. Apesar disso, ele contribuiu significativamente “[...] para o entendimento do tema [suicídio] através da análise de alguns casos clínicos”²⁵.

Para Maria Luiza Dias²⁶ é nesse texto de Freud, *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio*, que ele, em primeiro lugar, procura uma explicação para o suicídio:

“Estávamos ansiosos sobretudo em saber como seria possível subjugar-se ao extraordinariamente poderoso instinto da vida: isto pode apenas acontecer com o

21 CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio P. “As Teorias do Suicídio”. In: CORRÊA, H.; BARRERO, S. P. (editores). *Suicídio: uma morte evitável*. São Paulo: Atheneu, 2006.

22 Idem. Ibidem.

23 FREUD, Sigmund. “Contribuições para uma discussão acerca do Suicídio”. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. São Paulo: Imago, 1969. Vol. XI. Neste texto Freud aborda a questão levantada na época de que as escolas secundárias impeliam seus alunos ao suicídio.

24 LIMA, Denyse. “Freud e o Suicídio: Contribuições para um Estudo Psicanalítico do Suicídio”. In: , H.; BARRERO, S. P. (editores). *Suicídio: uma morte evitável*. São Paulo: Atheneu, 2006.

25 DIAS, Maria Luiza. *Suicídio: Testemunhos de adeus*. São Paulo: Brasiliense, 1997, p. 19

26 Idem. Ibidem. p. 21.

auxílio de uma libido desiludida, ou se o ego pode renunciar à sua autopreservação, por seus próprios motivos egoístas”²⁷

Já em *Além do Princípio de Prazer*²⁸, Freud desenvolve a idéia de que a concepção humana é regida por dois polos: o EROS, que seria o instinto que conduz à vida; e o TANATOS, que seria o instinto que conduz à morte. Assim, deveria ocorrer o equilíbrio entre esses dois polos e o suicídio somente ocorreria com a perda desse equilíbrio. O suicídio seria uma imposição e a vitória do impulso de morte (TANATOS), sobre o instinto para a vida (EROS). O suicídio seria a expressão máxima da pulsão de morte.

Em *Luto e Melancolia*²⁹, Freud procura demonstrar que a agressão do indivíduo pode se voltar contra ele próprio. Para ele, o luto seria “[...] a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante”³⁰. Porém essas mesmas influências podem causar melancolia em algumas pessoas ao invés de luto.

O luto, para Freud, não é uma condição patológica e que não necessita de tratamento médico, pois o luto seria superado após certo lapso de tempo e não devendo ser feita nenhuma interferência sobre ele. Com a melancolia, porém Freud traçou distintos traços mentais, que seriam:

“[...] um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos, de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-

27 FREUD, Sigmund. “Contribuições para uma discussão acerca do Suicídio”. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Op. cit. p.244

28 FREUD, Sigmund. “Além do Princípio de Prazer”. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. Vol.XVIII.

29 FREUD, Sigmund. “Luto e Melancolia”. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. São Paulo: Imago, 1969. Vol. XIV.

30 Idem. Ibidem. p. 249.

recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição.”³¹

Essas mesmas características causadas pela reação à perda de um objeto amado estão presentes em ambos os casos, contudo a diferença entre o luto e a melancolia está no ego, uma vez que na melancolia há uma diminuição da auto-estima, causando um empobrecimento em grande escala do ego, ou seja, é o próprio ego, enquanto que no luto há o empobrecimento do mundo, que também se torna vazio.

O fator da melancolia pode auxiliar nos estudos a cerca do suicídio devido ao fato que:

“Esses estados obsessivos de depressão que se seguem à morte de uma pessoa amada revelam-nos o que o conflito devido à ambivalência pode alcançar por si mesmo quando também não há uma retração regressiva da libido. Na melancolia, as ocasiões que dão margem à doença vão, em sua maior parte, além do caso nítido de uma perda por morte, incluindo as situações de desconsideração, desprezo ou desapontamento, que podem trazer para a relação sentimentos opostos de amor e ódio, ou reforçar uma ambivalência já existente.”³²

Esse conflito entre o amor e o ódio não deve ser desprezado, pois:

“Se o amor pelo objeto [...] se refugiar na identificação narcisista, então o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento. A autotortura na melancolia, sem dúvida agradável, significa, do mesmo modo que o fenômeno correspondente na neurose obsessiva, uma satisfação das tendências do sadismo e do ódio relacionadas a um objeto, que retornam ao próprio eu do indivíduo [...]”.³³

31 FREUD, Sigmund. “Luto e Melancolia”. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. São Paulo: Imago, 1969. Vol. XIV. p.250

32 FREUD, Sigmund. “Luto e Melancolia”. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. São Paulo: Imago, 1969. Vol. XIV. p. 256.

33 Idem. *Ibidem*. pp. 256-257.

Assim, para Freud o enigma da tendência ao suicídio é solucionado pela questão do sadismo, que torna a melancolia perigosa. Com a melancolia a pessoa acaba confundindo a si mesmo como um objeto, em que o ego é dominado pelo objeto e a pessoa acaba dirigindo a si própria a hostilidade relacionada a um objeto, pois deseja destruir o objeto amado e odiado. Esse desejo de suicídio pode também vir acompanhado da idéia inconsciente de matar outro indivíduo ou a coisa que o incomoda, assim, a pessoa acaba se destruindo por inteiro apenas para livrar-se do mal que a perturba.

Foi do texto “*Luto e Melancolia*” de Freud, que a teoria psicanalítica clássica de suicídio se derivou, de onde Freud traçou os mecanismos de depressão grave.

Durkheim e o Suicídio:

Émile Durkheim em 1897 publicou o seu livro *Le suicide: etude sociologique* (*O Suicídio*), que se tornou um clássico da literatura das ciências sociais e obra de destaque nos estudos da suicidologia.³⁴ Para Durkheim o suicídio só poderia ser explicado de forma sociológica.

“De todos esses fatos resulta que a taxa social dos suicídios só se possa explicar sociologicamente. É a constituição moral da sociedade que fixa em cada instante o contingente dos mortos voluntários. Existe, portanto, para cada povo uma energia determinada que leva os homens a matar-se. Os movimentos que o paciente executa e que à primeira vista parecem representar exclusivamente o seu temperamento pessoal constituem, na realidade, a continuação e o prolongamento de um estado social que manifestam exteriormente.”³⁵

O livro de Durkheim foi dividido em três partes: 1ª Os fatores Extra-sociais; 2ª Causas Sociais e Tipos Sociais; e 3ª Do Suicídio como Fenômeno

34 CORRÊA, H.; BARRERO, S. “Durkheim e o Suicídio”. In: CORRÊA, H.; BARRERO, S. P. (editores). *Suicídio: uma morte evitável*. São Paulo: Atheneu, 2006.

35 DURKHEIM, Émile. *O Suicídio*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 327.

Social em Geral. Na primeira parte do seu livro, Durkheim dedica-se aos fatores extra-sociais (loucura; raça; hereditariedade; clima; temperatura; sazonalidade; e imitação) se estes poderiam influenciar o suicídio, não achando correlação, contudo, entre ambos.

A segunda parte do livro [parte que aqui mais interessa ao estudo] dedica-se às causas sociais e aos diferentes tipos de suicídio, sendo estes divididos em: egoísta; altruísta; anômico; e ainda fatalista. Esta divisão dos diferentes tipos de suicídio refere-se a uma classificação etiológica, visto que para Durkheim seria impossível dividi-lo de acordo com suas formas ou características morfológicas. Segundo Nunes ³⁶, esta parte consiste no cerne da proposta de estudo de Durkheim.

Para Durkheim o suicídio egoísta é caracterizado quando o “*individual se sobrepõe exageradamente ao eu social*” ³⁷, ou seja, o indivíduo não se encontra integrado na coletividade social. Esta coletividade se torna fundamental para a manutenção da vida, pois mantém o indivíduo na dependência da sociedade. Logo,

“Quanto mais estão enfraquecidos os grupos aos quais pertence, menos dependerá deles e tanto mais, por conseguinte, dependerá exclusivamente dele e passará a reconhecer unicamente as regras de comportamento que se baseiam em seus interesses particulares.” ³⁸

Assim, Durkheim ao analisar vários aspectos, tais como a influência da religião, da situação matrimonial e da sociedade, observou que quanto mais fracos forem os laços sociais, mais frequente será o suicídio.

O suicídio altruísta seria o oposto do egoísta, pois consiste num suicídio em que o indivíduo encontra-se, fortemente, integrado à sociedade, ou seja, “*o eu não pertence a si próprio, [...] o pólo de conduta reside fora dele, isto é,*

36 NUNES, Everardo Duarte. “O Suicídio – reavaliando um clássico da literatura sociológica do século XIX”. In: *Caderno Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 14(1), jan-mar, 1998, 7-34.

37 DURKHEIM, Émile. *O Suicídio*. Op. Cit., p. 221.

38 Idem. *Ibidem*.

*situa-se em um dos grupos a que pertence.”*³⁹ Nessa forma de suicídio, o indivíduo mata-se devido à uma obrigação da sociedade em que se encontra integrado, caso não siga esta obrigação, poderia ser punido pela desonra e flagelos religiosos, sendo, então, essa forma de suicídio mais freqüente entre os povos primitivos.⁴⁰

Esta forma de suicídio também pode ser encontrada nas civilizações mais recentes, mas como casos isolados e que se produzem excepcionalmente, pois *“em nossas sociedades contemporâneas a personalidade individual tende cada vez mais a libertar-se da tutela da personalidade coletiva, estes suicídios não poderiam estar muito divulgados entre nós.”*⁴¹

A outra forma de suicídio seria o anômico, que, segundo Durkheim seria típico da sociedade moderna – industrial e comercial – onde as crises ou os períodos de prosperidade causariam um aumento na taxa de suicídio, devido ao fato por serem processos repentinos, não permite o ajuste rápido dos indivíduos as novas condições, ou seja, período de alto grau de desregramento em que os indivíduos não se encontram ligados à sociedade, mas sim ao modo como ela os regula. Em outras palavras, o suicídio anômico *“provém do fato de a atividade dos homens estar desregrada e do fato de elas sofrerem com isso”*.⁴²

Para Durkheim esse tipo de suicídio seria típico das sociedades do mundo comercial ou industrial, visto que a sua normalidade consiste no estado de anomia e de crise. Assim, nessas sociedades desregradas, os valores sociais se deslocam deixando o indivíduo desorientado e, conseqüentemente, deixa o indivíduo sem uma significação da vida.⁴³

39 DURKHEIM, Émile. *O Suicídio*. Op. Cit., p. 221. p. 234.

40 Idem. Ibidem. Op. Cit.

41 Idem. Ibidem. Op. Cit. p. 241.

42 Idem. Ibidem. p. 279.

43 CORRÊA, H.; BARRERO, S. “Durkheim e o Suicídio”. In: CORRÊA, H.; BARRERO, S. P. (editores). *Suicídio: uma morte evitável*. São Paulo: Atheneu, 2006.

“Por toda a parte nascem cobiças, embora sem um móbil preciso. Nada faria com que se acalmassem, dado que o objetivo para que tendem está infinitamente além de tudo aquilo que podem atingir. A realidade parece não ter valor em comparação com aquilo que enxergam as imaginações febris e que consideram possível atingir; desinteressam-se, portanto, da realidade, mas para se desinteressarem em seguida do possível, quando este se torna real. Está-se ansioso por coisas novas, por prazeres ignorados, por sensações desconhecidas, mas que perdem todo o sabor a partir do momento em que se tornam conhecidas. Por conseguinte, a mínima contrariedade deixa-nos sem força para suportá-la.”⁴⁴

O último tipo de suicídio, o fatalista, recebeu pouca atenção de Durkheim, apenas descrevendo essa forma de suicídio numa nota de rodapé, devido à raridade desta. O suicídio fatalista ocorre devido a uma excessiva regulamentação, com um excessivo controle, em que os indivíduos buscam o suicídio devido ao seu futuro limitado.⁴⁵

Na última parte do seu livro, Durkheim termina mostrando que o suicídio só pode ser explicado sociologicamente e que é a constituição moral de cada sociedade que determina o contingente de suicídios. Depois o autor estabelece as relações do suicídio com outros fenômenos sociais, tais como o homicídio, em que este é mais rural, enquanto que o suicídio é mais urbano. Para ele o suicídio é mais urbano e mais frequente nos países protestantes, enquanto que o homicídio é mais rural e mais frequente nos países católicos. O autor termina a obra, buscando um meio de diminuir as taxas de suicídio, que para ele só seria possível com uma reestruturação dos grupamentos locais e a descentralização profissional.

Visto que o suicídio é um fenômeno complexo, as teorias referentes ao suicídio “*não devem ser consideradas excludentes entre si*”⁴⁶, visto que:

44 DURKHEIM, Émile. *O Suicídio*. Op. cit, p. 276.

45 CORRÊA, H.; BARRERO, S. “Durkheim e o Suicídio”. In: CORRÊA, H.; BARRERO, S. P. (editores). *Suicídio: uma morte evitável*. São Paulo: Atheneu, 2006.

46 CORRÊA, H.; BARRERO, S. “Durkheim e o Suicídio”. In: CORRÊA, H.; BARRERO, S. P. (editores). *Suicídio: uma morte evitável*. São Paulo: Atheneu, 2006. p. 43.

“o ser humano é biológico em suas vulnerabilidades à doença mental, à impulsividade etc., é social em suas inter-relações com o tecido social em que vive e é psicológico na sua forma única e individual de existir e de interagir com suas dimensões biológica e social.”⁴⁷

A Década de 1920

“Os anos 20 são vistos como uma época de renovação, mudanças, superação do atraso, construção da nação e da nacionalidade. Conflitos e ambiguidades, todavia, permanecem dificultando a construção de um projeto nacional.”⁴⁸

A partir da segunda metade do século XIX, as trocas comerciais e financeiras do Brasil com o exterior produziram modificações no estilo de vida das principais cidades brasileiras, onde estas passaram a seguir os padrões de consumo europeu, em especial, de Paris e de Londres, gerando, assim, novas demandas sociais e econômicas.⁴⁹

Apesar de a sociedade na época ter a área agrária como a sua base econômica e social, é a cidade urbana que fervilha, com a presença significativa das indústrias, com o aumento dos serviços públicos e onde se tem presentes a arte e o moderno de caráter europeu. Logo, a população urbana cresce mais do que a rural, com isso surgem os problemas de higiene e saúde.⁵⁰

47 CORRÊA, H.; BARRERO, S. “Durkheim e o Suicídio”. In: CORRÊA, H.; BARRERO, S. P. (editores). *Suicídio: uma morte evitável*. Op. cit.

48 LORENZO, Helena C. de; COSTA, Wilma P. “Apresentação”. In: LORENZO, Helena; COSTA, Wilma (orgs). *A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno*. São Paulo: UNESP, 1997, p. 11.

49 LORENZO, Helena C. de. “Eletricidade e Modernização em São Paulo na década de 1920”. In: LORENZO, Helena; COSTA, Wilma (orgs). *A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno*. São Paulo: UNESP, 1997.

50 GRANZIERA, Rui G. “O Brasil depois da Grande Guerra”. In: LORENZO, Helena; COSTA, Wilma (orgs). *A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno*. São Paulo: UNESP, 1997.

Contudo, podemos observar que a cidade é a grande moradia do homem moderno⁵¹, assim, quaisquer mudanças passadas pelas cidades afetam o dia-a-dia do seu povo, como ocorrido na década de 1920.

Mudanças, estas, que começaram enquanto se consolidava a República Brasileira, os indivíduos vão se libertando da influência da família, da religião, da comunidade ou das redes sociais do trabalho, ou seja, tendo início a novos comportamentos, os quais foram influenciados pela transformação social e econômica. As mudanças que influenciaram os comportamentos humanos, devem-se a que:

“Na transição do século XIX para o XX, o país foi inoculado pelo dinamismo que atingia a economia internacional. Tais mudanças, explica o historiador Nicolau Sevcenko, afetaram a ordem e as hierarquias sociais, as noções de tempo e de espaço, seus modos de perceber os objetos e, mesmo a maneira de organizar as afeições ou de sentir os outros seres humanos. Nunca, em período anterior, tantas pessoas foram envolvidas em um tal processo de transformação de hábitos cotidianos, convicções e percepções, influenciadas, querendo-se ou não, pela expansão do capitalismo [...]”.⁵²

Com a expansão do capitalismo, “a onda modernizadora tomara conta das grandes cidades do mundo [...]. As cidades passavam por transformações significativas, para atender aos sonhos progressistas e facilitar o avanço da ‘verdadeira civilização’”⁵³, causando impactos sobre os hábitos do dia-a-dia.

Dentre essa revolução, podemos citar algumas medidas que causaram impactos na vida cotidiana: energia, novas medidas de higiene e profilaxia, os veículos automotores, o cinema, os aviões, os altos fornos, controle de doenças, os telefones, os transatlânticos, o rádio, anestesia etc.⁵⁴ Com a

51 REZENDE, Antonio Paulo de Moraes. “Cidade e modernidade: registros históricos do amor e da solidão no Recife dos anos 1930”. In: MONTENEGRO, Antonio Torres, et al (org). *História: cultura e sentimentos: outras Histórias do Brasil*. Recife: UFPE; Cuiabá: UFMT, 2008.

52 PRIORE, Mary Del. *História do Amor no Brasil*. 2 ed., São Paulo: Contexto, 2006. Pp. 231/232.

53 REZENDE, Antônio Paulo. *(Des)Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX*. Recife: FUNDARPE, 1997, p. 31/32.

54 PRIORE. M. *História do Amor no Brasil*. Op. cit., p. 232.

banalização do consumo de energia, que passa de um produto de luxo para de uso cotidiano, o seu uso passa a influenciar o lar, com utensílios domésticos – fonógrafo; rádios; ventiladores de teto; refrigeradores; e vitrolas –, que foram difundidos em meados da década de 1920.⁵⁵ Deste modo, criando um novo estilo cotidiano moderno e urbano.

Esses avanços científicos e tecnológicos causaram impactos, que possivelmente afetaram as taxas de suicídio, pois além das mudanças sociais ocorridas, foram introduzidos novos meios de se suicidar, tais como: pela pistola Mauser; maquinarias das indústrias, esmagamentos por trens e bondes elétricos etc. “A modernidade, com as suas invenções, causa realmente espanto e deslumbramento, medos e desejos, e a cidade é o espaço onde ganha maior dimensão”⁵⁶.

Durante a década de 1920, o Recife, assim como também muitas capitais de Estados brasileiros, buscou urbanizar-se, civilizar-se e modernizar-se. Tendo o Recife como o cenário da modernidade, onde a cidade urbana era vista como a imagem do futuro e a rural, como imagem do passado. Contudo, essa modernidade não ocorreu sem tensões entre o tradicional e o moderno, ou o novo e o velho. Inclusive, havia discussões sobre a questão do modernismo e do regionalismo, que vieram a marcar a década de vinte, tendo presente o debate entre os intelectuais da época, como Gilberto Freyre e Joaquim Inojosa. Este valorizando o moderno, enquanto que aquele valorizava o passado, o tradicional e o regionalismo.

Segundo, Antônio Paulo Rezende,

“Freyre não se mostra muito simpático com as invenções modernas ou os possíveis exageros da modernização, a rapidez acentuada das mudanças, o materialismo

55 LORENZO, Helena C. de. “Eletricidade e Modernização em São Paulo na década de 1920”. In: LORENZO, Helena; COSTA, Wilma (orgs). *A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno*. São Paulo: UNESP, 1997.

56 REZENDE, Antônio Paulo. *(Des)Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX*. Op. cit, p. 30.

excessivo que atravessa os projetos dos homens encantados com o reino das mercadorias”⁵⁷.

Portanto, essa busca pela modernidade não ocorreu sem inquietações, tanto que o Recife já entra na década de 1920 marcada por greves trabalhadoras de 1917 e 1919, e elas continuam em 1920, com a greve da Great Western. As greves davam ao Recife uma atmosfera de cidade moderna, contudo elas não eram bem vistas pela classe dominante, tanto que o poder público intervinha nas negociações e nas articulações com os trabalhadores assalariados – em que os operários eram considerados perturbadores da ordem.

O Poder Público, com os governadores, foi especialmente importante para a modernização do Recife. Já em 1919, o governador pernambucano Manoel Borba mostrava-se grandemente interessado pela modernização. O mesmo ocorreu durante o governo de José Rufino Bezerra, inclusive, foi durante seu governo que o prefeito da cidade, Lima Castro, inaugurou uma vila operária. Contudo, houve o fracasso da vila, pois quando ela foi construída, não se pensaram nos hábitos dos populares, como a presença de caranguejos, fonte de alimento dos populares presente ao redor dos seus mocambos anteriores à construção da vila.

Já o governo de Sérgio Loreto é marcado por várias mudanças, sendo o seu quadriênio o mais destacado da década. Esse governador utilizou-se da propaganda como estratégia para a divulgação dos seus feitos e para “*exaltar o seu pacto com o moderno, com o progresso dentro ‘do equilíbrio e da ordem’, princípio mágico para justificar o autoritarismo*”⁵⁸. Assim, o autoritarismo e a busca pelo progresso eram justificados para tirar o atraso do país, além de que o governo acreditava que a modernização traria conquistas morais e intelectuais.

57 REZENDE, Antônio Paulo. *(Des)Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX*. Op. cit, p. 145.

58 Idem. *Ibidem*. Op. cit, pp. 39-40.

O governo de Loreto contou com a atuação do médico Amaury de Medeiros para reformas na higiene e na saúde, pois melhorias na saúde pública eram necessárias. Isso foi devido ao fato de que as condições precárias de vida afetavam o crescimento das cidades modernas, como a questão das epidemias presentes no período. Assim, a questão da saúde pública contou com a presença de médicos, engenheiros sanitários, políticos e autoridades governamentais para as soluções de seus problemas.

Aliás, a saúde pública e a educação eram consideradas os males do Brasil, pois *“ambas revelam que a nação, ao mesmo tempo que pretendia ser moderna, era um organismo doente, carente de cuidados.”*⁵⁹

Contudo, os programas de melhorias da higiene e da saúde nem sempre contaram com apoio da população, pois esses programas iam contra seus hábitos cotidianos. Inclusive, com as novas orientações de melhorias propostas pelo governo, neste caso na figura de Amaury de Medeiros, houve uma evasão de alunos nos grupos escolares, devido ao fato de que os pais mostraram-se descrentes e surpreendidos com essas novas idéias.

Assim, o governo e seus departamentos utilizavam-se da imprensa, visando a esclarecer o povo, e esses também a utilizavam para manifestar-se. Durante os anos de 1923 a 1926 foi publicado o periódico *Saude e Assistencia* do Órgão do Departamento de Saude e Assistencia pela Inspectoria de Estatística, Propaganda e Educação Sanitária que retratou diversos temas ligados à higiene e à saúde.

Apesar dos obstáculos, o governo de Sérgio Loreto conseguiu trazer melhorias para a cidade do Recife, como: a reorganização dos serviços de saúde pública, o aumento no número de técnicos e médicos, a implantação de serviço de estatística, e de higiene infantil, a distribuição dos serviços em várias seções, e a construção de casas – programa de habitação higiênica.

Esse programa da habitação visava à construção de casa para serem alugadas, contudo, as vilas operárias tinham seus princípios básicos

59 RODRIGUES, Marly. *O Brasil na Década de 1920: os anos que mudaram tudo*. op. cit., p. 68.

regulamentados e constantemente vigiados, buscando, assim, assegurar a ordem. Loreto ainda realizou outros feitos, como as reformas urbanas, com o embelezamento dos bairros do Derby e de Boa Viagem, buscando torná-los modernas dentro dos conceitos de modernização.

Entretanto, as mudanças que aconteceram no Recife, não ocorreram sem resistência, pois “*Nem todos se sentiram seduzidos pelas invenções modernas, pela renovação dos hábitos, por uma concepção de tempo que exigira mais pressa, pela ruptura com práticas de convivência social enraizadas*”.⁶⁰ Mesmo a mudança dos bondes puxados por burros para os bondes elétricos, trouxe significativas mudanças nos hábitos da população. Isso porque, antes, as pessoas mandavam seus criados pedirem para os condutores dos bondes de burros lhes esperarem enquanto terminavam de se arrumar, algo que não era mais possível com os bondes elétricos.

Essa resistência aos novos hábitos pode ser visto pelo periódico *O Grito* que na sua primeira edição, de junho de 1928, começou uma campanha moralizadora dos costumes do “sexo frágil” - “*A mulher pernambucana, mormente a da capital, chafurda-se de vez no intérmino lodaçal das danças modernas, das modas exageradas e dos namoros escandalosos...*”⁶¹. Este periódico convidou, a fazerem parte dessa campanha, os pais de famílias, visto que estes foram tidos como os responsáveis por permitirem que suas filhas fossem para as danças e ao uso das modas exageradas. Além deste periódico, *O Dia* da Matriz de Piedade também teve a mesma opinião contra a nova moda feminina, segundo este, a nova moda era um problema moral, social e religioso.

Inclusive, o periódico *O Dia* de 31 de março de 1921, na nota intitulada “A mulher decotada é uma mestra vulgar de imoralidade” traz uma citação de S. Bernardino de Senna sobre o que fazer sobre a nova moda:

60 REZENDE, Antônio Paulo. *(Des)Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX*. Op. cit, p. 57.

61 O GRITO. “Paes de família!”. Recife, junho, 1928. no 1, p.1.

*“Primeiro queimar a mulher que traja indecentemente, depois a mãe que consente esse traje e, por ultimo, a modista que faz o vestodo immodesto.”*⁶²

A preocupação com a moda deve-se que,

“a partir de meados de década de 1910 e, em especial, ao longo da década de 1920, as formas das roupas mudam: as saias encurtam, os espartilhos são trocados por cintas elásticas, e os vestidos ficam mais simples, retos e soltos no corpo, propiciando maior conforto e liberdade ao movimento às mulheres facilitando-lhes a circulação no espaço público [...]”.⁶³

Inclusive, o jornal *Diario de Pernambuco* começou a publicar nos domingos, isso a partir de 24 de julho de 1921, uma seção intitulada *Modas*, que trazia modelos de roupas para crianças e, especialmente, para as mulheres. Os modelos para as mulheres variavam, tais como: havia modelo para automóvel; modelo de chapéus para usar no verão; modelo de camisas para senhoras, para esporte etc. Isso nos mostra o papel das invenções modernas influenciando no dia-a-dia, pois com a criação do automóvel, também surgiu uma moda para também se andar nesse automóvel.

A década de 1920 também apresentou outras preocupações, digamos de cunho moral, como as doenças venéreas. O periódico *Saude e Assistencia*, mencionado anteriormente, na sua edição de maio de 1924, cuja capa dedicou-se ao combate da sífilis, tida como um flagelo social, que deveria ser combatido em favorecimento da família e da coletividade.⁶⁴ Também era combatido o alcoolismo, presente na capa da edição de Novembro de 1924. O álcool em excesso era tido como algo que poderia levar ao crime ou à loucura, devendo, assim, ser combatido o seu uso.⁶⁵

62 SENNA, Bernardino “A mulher decotada é uma mestra vulgar de imoralidade”. *O Dia*, Recife, 31, março, 1921. no7, p.1.

63 BONADIO, Maria Claudia. *Moda e Sociabilidade: mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920*. São Paulo: Senac São Paulo, 2007, p. 22.

64 SAUDE E ASSISTENCIA, Recife, maio, 1924.

65 SAUDE E ASSISTENCIA, Recife, novembro, 1924.

A publicação *Saude e Assitencia* de maio de 1924 traz a sífilis e o alcoolismo, além da tuberculose como os principais responsáveis pela destruição do homem. Esta menciona que a preocupação da humanidade com as doenças venéreas aprimorou após a Primeira Guerra Mundial e o combate destas em Pernambuco começou em fevereiro de 1922, com o Dispensário Oswaldo Cruz. Assim, como o alcoolismo poderia levar a loucura, a sífilis também poderia, podendo ainda causar melancolia, idiotia e imbecilidade. ⁶⁶ Ao álcool ligou-se a sua presença a todos os crimes, tanto os impulsivos como os premeditados. ⁶⁷

Várias outras questões que surgiram com a civilização e modernização foram alvo de críticas, como o cinema e o teatro que traziam imagens de adultério, amor contrariado, em geral, pelas suas obscenidades. O cinema, em especial, conquistou os habitantes das cidades brasileiras, visto que era voltado para o consumo de massa.

A questão dos solteiros também foi alvo de críticas, tanto que o periódico *O Dia* ⁶⁸ traz um artigo intitulado “Os Solteirões”, no qual traz os solteiros como um flagelo social, pois ele é um covarde, que só despoja a honra e a virtude de um lar, pela traição.

Esse fato pode ser comprovado com o caso de Arthur T. C. ⁶⁹, solteirão conhecido pelos seus maus costumes de práticas de conquistas amorosas, que seduziu a esposa de um marítimo. O esposo, ao retornar de uma viagem, soube da infidelidade de sua mulher e procurou Arthur, que confessou o fato. Quando o marido questionou a sua esposa, essa correu ao seu quarto e pulou pela janela do terceiro andar, pois estava receosa da reação do seu esposo.

O periódico *O Dia* buscava combater vários vínculos da modernidade:

66 SAUDE E ASSISTENCIA, “A syphilis – Flagello social”. Recife, maio, 1924. no 9, p.1.

67 SAUDE E ASSISTENCIA, “Não useis bebida alcoolicas”. Recife, novembro, 1924. no 10 a 13, p. 1.

68 BOLO, H. “Os Solteirões”. *O Dia*. Recife, 31, março, 1921. no 7, p. 5.

69 DIARIO DE PERNAMBUCO. Recife, 01, 1920.

“Nunca como em nossos dias o gênio do mal se tem infiltrado com tanta facilidade no meio dos homens. O vício, a liberdade, o luxo e a leviandade imperam nas modas e nas danças. Multiplicam-se os cinemas em que fitas immorales ou francamente duvidosas reproduzem as scenas mais repugnantes. Ajuntem-se os romances, os “contos” dos jornaes, as revistas e cartões illustrados. Tudo conspira contra a austeridade dos costumes e a santidade das famílias.”⁷⁰

A *Tribuna Evangelica* também coloca a imoralidade dos costumes como parte da civilização hodierna (moderna) e a culpa por essa imoralidade caiu mais uma vez sobre os chefes de famílias, por permitirem a prática desses costumes.⁷¹ Esta publicação, até mesmo, mencionou que “*A mulher que não andar nua, não está na moda, não é civilizada.*”⁷²

Notamos que

“As noções de moderno versus antigo, tão disseminadas no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, iam sendo desenhadas à medida que o uso de novas técnicas possibilitava modernização dos costumes e da vida cotidiana.”⁷³

“*Essa é a dinâmica da formação das cidades, seus projetos de modernização não são, apenas, “civilizatórios” ou “urbanísticos”, mas expressam conflitos que se desenvolvem nos seus cotidianos*”⁷⁴.

Portanto, os novos costumes introduzidos com a civilização moderna foram alvos de críticas por diversas publicações, que criticavam os novos costumes que iam de encontro à moral, à religião e ao social.

70 O DIA. “O defensor da família, da sociedade e da pátria”. *O Dia*. Recife, 26, maio, 1921. no 9, p..4.

71 TRIBUNA EVANGELICA. “Os tempos que atravessamos”. *Tribuna Evangelica*. Recife, 10, outubro, 1929. no 15, p. 4.

72 Idem. Ibidem.

73 LORENZO, Helena C. de. “Eletricidade e Modernização em São Paulo na década de 1920”. In: LORENZO, Helena; COSTA, Wilma (orgs). *A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno*. São Paulo: UNESP, 1997, p. 161.

74 REZENDE, Antonio Paulo. *O Recife: Histórias de uma cidade*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002, p. 96.

Fontes de Conhecimento: A Medicina e A Imprensa na divulgação do Suicídio

Podemos, então, observar que o suicídio na década de 1920 entraria na classificação de suicídio anômico de Durkheim, pois consiste numa época típica de uma sociedade moderna industrial e comercial, que passava por uma crise de identidade com o progresso e a prosperidade. Com essa fase de civilização e modernização pela qual passava o Recife nos anos 20, podemos, assim, encaixá-lo como uma sociedade desregrada – típica do suicídio anômico –, pois, como visto anteriormente, os seus valores sociais se deslocaram, deixando os indivíduos desorientados.

Esta questão de que o crescimento das cidades traria algumas formas de problemas sociais, devido à destruição das relações sociais tradicionais já era discutida, no início do século XIX, por diversos europeus e norte-americanos. Hipóteses iniciais sobre as causas do suicídio as ligavam à questão da família e da ambivalência da mudança social, dando espaço à nostalgia para a vida rural, em que a família patriarcal rural tradicional seria o caminho mais seguro contra o suicídio.⁷⁵

Foi no século XIX que a associação entre o suicídio, vícios, urbanização e modernização ganhou intensidade.⁷⁶ Inclusive, essa questão da associação do suicídio com os progressos da civilização também foi alvo de comentários no Brasil do século XIX. Segundo Jackson Ferreira⁷⁷, existiam autores que acreditavam que o progresso da civilização era umas das principais causas do suicídio. Mesmo o presidente da província da Bahia de 1861, Antonio da Costa Pinto, - que foi também presidente da província de Minas Gerais em 1836-37 e de Pernambuco em 1848 – “*afirmaria que as estatísticas demonstravam que o suicídio ia ‘aumentando a medida do correr*

75 KUSHNER, Howard I. “Suicide, gender, and the fear of modernity in nineteenth-century medical and social thought”. In: *Journal of Social History*. Vol. 26, No. 3, 1993. pp. 461-490.

76 Idem. *Ibidem*.

77 FERREIRA, Jackson A. *Loucos e Pecadores: suicídio na Bahia no século XIX*. Dissertação de Mestrado em História. UFBA, 2004.

do tempo, e por tanto das conquistas da civilização”.⁷⁸ Ainda segundo esse autor, a associação entre os progressos da civilização e o suicídio continuou forte ainda no final do século XIX.

No Brasil, segundo Ferreira, o Código Criminal do Império não punia o suicídio como crime, só o auxílio era punido por lei, algo que, aparentemente, continuou e continua vigente até hoje. Quintino Castellar da Costa, na sua tese médica⁷⁹ da Faculdade de Medicina da Bahia de 1927, sugere, aos médicos e também ao Estado, em considerar o suicídio como um crime, punindo severamente as tentativas.⁸⁰

Apesar do suicídio não ser considerado crime pela legislação brasileira, a religião católica punia severamente aqueles que tentassem o suicídio. Os moralistas religiosos buscaram mostrar que uma das devastações da civilização foi a irreligiosidade. Esses moralistas não eram contrários aos progressos da civilização, mas não aceitavam que a sociedade poderia se desenvolver sem valores religiosos e morais.⁸¹

O suicídio continuou a ser discutido no século XX, em especial, na década de 1920, como no periódico religioso *O Dia*, como pelas teses de medicina. Além do mais, segundo A. Alvarez⁸², foi a partir dos anos 20 que se multiplicaram os estudos científicos sobre o suicídio.

O periódico *O Dia* em 1921 veiculou uma notícia com o seguinte título: “O Maior dos Crimes! Porque tantos suicidos...”⁸³, na qual discute a presença diária de notícias sobre suicídio nos jornais. Para este, o suicídio ocorre devido ao fato de que os “espíritos fracos” não aguentam as dificuldades do dia-a-dia, algo próprio da vida humana.

78 FERREIRA, Jackson A. *Loucos e Pecadores: suicídio na Bahia no século XIX*. Op. cit.

79 Nesta época, os estudantes de medicina poderiam escolher ou não em defender uma tese, caso escolhessem fazê-la, receberiam o título de Doutor em Ciências Médico- Cirúrgicas.

80 COSTA, Quintino Castellar. *Do Suicídio e sua prophylaxia*. Tese da Faculdade de Medicina da Bahia, 1927.

81 FERREIRA, Jackson A. *Loucos e Pecadores: suicídio na Bahia no século XIX*. op. cit.

82 ALVAREZ, A. *O Deus Selvagem – um estudo do suicídio*. Op. cit.

83 O DIA. “O Maior dos Crimes! Porque tantos suicidos...”. Recife, 31, Março, 1921. no7.

Esse periódico critica a influência dos romances e do cinema sobre a causa de tantos males e crimes, aí incluindo o suicídio. Critica também os males que mundo civilizado e moderno trouxe como influenciadores do suicídio, como uma jovem com anseios do coração inexperiente e contrariado procura o suicídio como uma solução, ou o jovem viciado em jogo que arruína a honra da família e se suicida por vergonha. Mais uma vez volta-se ao pai de família, que sem meios de sustentar as necessidades da família se atira na imensidão do suicídio, ao invés de batalhar mais ou lutar mais pela vida, cede ao desespero.

Por fim, *O Dia*, como um periódico ligado à Igreja Católica, menciona a falta de fé e o afastamento dos suicidas aos ensinamentos da Igreja, além de que a vida a Deus pertence, cabendo somente a ele tirá-la, sentimento este, compartilhado com o médico Quintino Castellar da Costa na sua tese “Do Suicídio e sua prophylaxia”. Este, ainda, menciona o suicídio como um dos maiores crimes contra o Juiz Supremo ou o Criador dos Mundos, e elogia a Igreja Católica ao manter o suicídio como crime nos Códigos Divinos.

Assim, como Quintino, o periódico *O Dia* ⁸⁴ – numa outra edição – menciona também a ligação do espiritismo com o suicídio. O Dr. A. Felício dos Santos através de *O Dia* coloca o suicídio como uma das vesanias mais comum do espiritismo, pois o indivíduo espírita busca o suicídio para livrar-se da vida desagradável e posteriormente reencarnar. Quintino que também menciona o espiritismo como produtor de vítimas.

A tese de Quintino é interessante, pois ele traz sugestões, que deveriam ser seguidas pelos médicos e, especialmente, pelos governos, como forma de acabar ou diminuir as taxas de suicídio. São estas as sugestões: terapêutica psíquica ou espiritual, visando o próprio doente ou o obsessor; combate ao alcoolismo; combate às moléstias venéreas; desenvolvimento das fontes de trabalho e produção; proteção aos operários e empregados; propaganda da união matrimonial entre os jovens; combate à ociosidade, especialmente,

84 SANTOS, Felício. “O espiritismo e o suicidio”. In: *O Dia*. Recife, 26, maio, 1921. no 9, p. 6.

entre as mulheres; e por fim considerar o suicídio como crime, assim, punindo as tentativas.⁸⁵

Essa questão da terapêutica psíquica ou espiritual refere-se ao espiritismo, na qual deveriam ser dados conselhos e instruções ao doente ou ao obsessor, o que significa os espíritos e aqueles, as pessoas sob influência de um espírito. Só por meio do cumprimento dos deveres do espírito por meio de atos honrosos e de boas ações, este passaria a ser livre.

Dentre as sugestões de Quintino, podem-se observar aquelas de sugestão moral e social, como o combate ao alcoolismo e às doenças venéreas. Como mencionado anteriormente, esses males foram tidos como causadores de crimes e de loucura, podendo-se adicionar também como causadores de suicídio. Inclusive, há um caso de um popular Cecílio F. V., que em 17 de janeiro de 1921, em total estado de embriaguez, jogou-se da Ponte da Boa Vista no rio, sendo, posteriormente, dali retirado e levado à subdelegacia de Santa Amaro por julgarem que se tratava de alguém que buscava pôr termo à vida.⁸⁶

Há também, entre as notícias do *Diário de Pernambuco*, o caso do suicídio do inglês Noel A. M.⁸⁷, que se encontrava no Recife a serviço da Usina Gurjahu como engenheiro mecânico. Noel deixou duas cartas, uma para seu companheiro de casa que dizia ter praticado o suicídio por motivos pessoais, já na segunda carta, enviada ao Cônsul Britânico, dizia que já vinha sofrendo desde a Inglaterra e que aqui acumulou ao ter contraído sífilis havia três semanas. Isso nos mostra a possível vergonha do inglês ao ter contraído uma doença venérea, visto que na década de 1920 a sífilis era tida como um flagelo social.

Certas medidas de Quintino também se mostram contra o capitalismo e suas consequências, como no desenvolvimento das fontes de trabalho e produção e na proteção aos operários e empregados, isso porque a miséria

85 COSTA, Quintino Castellar. *Do Suicídio e sua prophylaxia*. Op. cit., p. 44.

86 DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 19, janeiro, 1921, p. 4.

87 DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 07, abril, 1921, p. 5.

levaria ao suicídio. Assim, Quintino sugere o desenvolvimento para haver a criação de novos trabalhos e de produção, para evitar a miséria e para os trabalhadores manterem suas famílias. Essa proteção aos trabalhadores devia-se também para evitar a ganância dos patrões.

Esse sentimento é compartilhado também na tese de Florival Alves Seraine⁸⁸, que também mencionou a questão da influência da miséria aumentando o suicídio, mencionando que a taxa de suicídio é maior nos grandes centros em período de miséria e de crise, afetando mais, nesse caso, os operários.

Segundo Marly Rodrigues, na década de 1920, os operários:

“Tinham possibilidades limitadas de impor-se diante da sociedade que não os reconhecia como um grupo com direito a garantia de trabalho e ao pleno exercício da cidadania, que ocupava um lugar legítimo na sociedade urbana industrial, mas apenas como força de trabalho e protagonista da ‘questão social’.”⁸⁹

Assim, a relação entre operários, miséria e suicídio pode ser observada no caso de José P. S.⁹⁰, funcionário da fábrica Lafayette, que se jogou no Rio Capibaribe, porém como a maré encontrava-se em vazante, dois policiais tiraram-no do rio. No caminho para a subdelegacia, José mais uma vez tentou se matar, ao jogar-se sob as rodas de um bonde, contudo, ação sem êxito devido ao motoreiro. Já na subdelegacia, o operário declarou que tentou suicidar-se em razão das dificuldades da vida.

Já a miséria e o suicídio podem ser observados no caso de Cecílio C.⁹¹, que invadiu a residência de um fazendeiro de Pesqueira e, após travar uma luta corporal com as duas filhas do fazendeiro, conseguiu roubar 183\$000. Posteriormente, Cecílio matou-se enforcado numa árvore, sendo encontrado

88 SERAINE, Florival Alves. *Suicídio e Mimetismo*. Tese em Medicina Legal. Bahia: Faculdade de Medicina da Bahia, 1930.

89 RODRIGUES, Marly. *O Brasil na Década de 1920: os anos que mudaram tudo*. op. cit, p. 30.

90 DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 25, julho, 1920, p. 4.

91 DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 25, janeiro, 1920, p.5.

o dinheiro roubado em suas posses. Segundo os populares, o suicida roubou coagido pela necessidade, contudo, como era um homem morigerado, arrependeu-se depois - razão pelo seu suicídio.

Os dois casos demonstram a ligação entre a miséria e o suicídio, sendo ambos homens, então, estão condizentes com o pensamento da época, em que cabia ao homem o sustento da família.

Vale lembrar que, assim como Durkheim, as três teses médicas⁹² referentes ao suicídio na década de 1920, focaram a questão social do suicídio, no qual o suicídio é tido como um grande mal social, tanto que as teses estão escritas sob a ótica da medicina legal. Esta ótica social escolhida pode ser devida às mudanças pelas quais a sociedade brasileira passava com a modernidade, onde os progressos da civilização causariam um aumento nas taxas de suicídio. Isso, possivelmente, deve-se a que:

“[...] o início do século XX remete ao momento em que os médicos brasileiros começaram a mudar o viés utilizado para pensar e estudar o suicídio. Essa mudança teórica, percebida em trabalhos médicos do século XX, foi permitida pela difusão das teorias e conceitos do sociólogo francês Émile Durkheim, pelos desafios do fundador da psicanálise, Sigmund Freud, e inspirada pela doutrina eugênica.”⁹³

Seraine, também, na sua tese menciona a questão do progresso, que “Com o evoluer das sociedades, na marcha accidentada para o progresso, não deixou de persistir a mesma acabrunhadora ameaça, o mesmo temerosos flagello”⁹⁴. *“A civilização, criando ou antes, apenas aguçando paixões e apetites já delineados, e nem sempre logrando aumentar os meios de satisfazê-los, tem contribuído bastante para a eliminação de muitos*

92 Já mencionado a de Quintino Costa e de Florival Seraine, há também a de SOUZA, José de Araujo. Do suicídio por envenenamento, principalmente na Bahia. Tese em Medicina Legal. Bahia: Faculdade de Medicina da Bahia, 1929.

93 LOPES, Fábio Henrique. *A Experiência do Suicídio: Discursos Médicos no Brasil, 1830-1900*. Op. cit., p. 7.

94 SERAINE. *Suicídio e Mimetismo*. Op. cit., p. 11.

indivíduos”⁹⁵. Assim, mostrando que o capitalismo e o progresso acabaram influenciando as taxas de suicídio.

O Recife, nos anos 20, virou, realmente, uma sociedade de consumo, com o aparecimento das invenções modernas, como automóveis, cinemas, bonde elétrico, cafés, teatros, etc. A imprensa era muito utilizada para a divulgação desses novos produtos, onde utilizavam de estratégias publicitárias para atrair o leitor, algo fundamental na divulgação de produtos norte-americanos, que aqui passaram a ser comercializados em larga escala.⁹⁶

Contudo, era uma sociedade de consumo para aqueles que tinham renda para isso, enquanto os que não tinham condições ficavam a sonhar em algum dia ter um automóvel para sair fazendo *fonfon* pelas ruas, para atrair os olhares.

Assim,

“O fetiche da mercadoria presente nas sociedades modernas transforma a dimensão dos objetos, redefine ou esconde o seu valor de uso. A sociedade moderna vai tornando-se um vasto império de seduções, avassalador, na medida em que a ciência e a técnica aliam-se às ambições quase incontroláveis do capital. A sociedade do consumo pede passagem ao sonho e ao desejo na grande moradia dos homens.”⁹⁷

Este fato pode ser observado no suicídio de um jovem auxiliar de comércio, de 19 anos, Luiz V. de M. Junior em primeiro de dezembro de 1920, pois ele se matou no “Restaurant Leite” deixando uma carta onde justificava seu ato: “*Assim é a vida. Depois de muito goso aparece a morte. Gastei tudo quanto tinha e o unico balsamo é o revolve.*”⁹⁸ Apesar de ele dizer que nada mais possuía além da arma, foi encontrado em seu corpo: um relógio e uma corrente de ouro, uma carteira, um broche de gravata com

95 Idem. Ibidem. p. 10.

96 RODRIGUES, Marly. *O Brasil na Década de 1920: os anos que mudaram tudo*. op. cit, p. 62.

97 REZENDE, Antonio Paulo. *O Recife: Histórias de uma cidade*. op. cit., p. 62.

98 DIÁRIO DE PERNAMBUCO, “Triste Occurencia”. Diário de Pernambuco. Recife, 01, dezembro, 1920.

uma pérola, um anel de ouro com um brilhante pequeno, um atacador de botinas e o jovem ainda vestia um terno de casimira escura, uma gravata preta, botinas de pelica e chapéu de palha.

Voltando às sugestões de Quintino, a próxima seria evitar a ociosidade, pois, assim, possibilitaria no uso da imaginação em coisas úteis. Ele menciona especialmente as mulheres, por estas possuírem uma imaginação fantasiosa e seriam suscetíveis a influências do cinema, do teatro e da literatura. Seraine e Souza também tratam desta questão, retratando a literatura, em especial o romantismo, como um instrumento influenciador de suicídio sobre os jovens, e que a imprensa ao noticiar os casos de suicídio também estaria influenciando em novos casos. Como visto anteriormente, o cinema e o teatro eram tidos como um elo com a imoralidade.

Tratando-se das mulheres, notamos o discurso machista nestas três teses médicas, ao comentarem sobre a diferença entre as baixas taxas de suicídios das mulheres em comparação as altas taxas de suicídio entre os homens.

“Os médicos brasileiros que se dedicaram ao estudo do suicídio (re)criaram, reforçaram e impuseram distinções entre o campo do masculino e do feminino. Identificaram o masculino com as imagens de força, resistência, trabalho, intelecto, razão e todo tipo de atividade produzida em espaço público do trabalho e da vida social. Ao feminino, ligaram imagens de fraqueza, debilidade, limitação, sentimentos incontroláveis, emoção, docilidade, inferioridade física, mental e intelectual, frivolidade, atitudes e comportamentos considerados próprios do espaço privado – a casa, o lar.” 99

Souza justifica que as mulheres se suicidam menos pelo simples fato de serem do sexo fraco e que tomam um pouco do primeiro veneno que encontram como uma forma de causar pânico entre a família ou o amante e, assim, conseguindo aquilo que desejam.

99 LOPES, Fábio Henrique. *A Experiência do Suicídio: Discursos Médicos no Brasil, 1830-1900*. Op. Cit., p. 205.

Na tese de Seraine, este afirma que as mulheres são seres bastante emocionais e que só se suicidam por questões amorosas, visto que elas raramente têm outra preocupação. Este também afirmou que os homens se suicidavam mais pelo simples fato de que eles são os responsáveis pelo lar, assim, são os que mais pagam tributos.

Costa, ao mencionar que as mulheres tentavam mais o suicídio pelo fogo – queimadura – do que os homens, justifica esta ação pelo simples fato de que elas agem como as mariposas, que vão atrás da luz. Ele também mencionou que as mulheres utilizavam a asfixia pelos vapores de carbono como uma forma de suicídio do que os homens, pelo simples fato de quererem morrer belas, pois as mulheres são sempre vaidosas.

No ano de 1920¹⁰⁰, houve, em Pernambuco, 26 casos de suicídios, destes 13 eram de mulheres, logo não houve diferença entre o suicídio de homens e mulheres nesse ano foi mínima. Contudo, entre os casos de tentativas de suicídio em 1920, houve 48 casos, sendo destes 38 de mulheres. Como foi mencionado por Souza, a forma mais buscada pelas mulheres, tanto no suicídio como na tentativa, para se matarem foi por envenenamento, algo comprovado em 1920, pois foram 24 casos de tentativas e 05 de suicídios por envenenamento pelas mulheres.

Estes médicos viam o suicídio das mulheres ligado às paixões e às emoções, algo com fundo de razão, pois a maioria das mulheres recorreu ao suicídio por motivos, quando mencionados, de brigas com os companheiros, amor ou ciúmes. No conto intitulado *Suicídio Burlado*, publicado no Diário de Pernambuco de 1921, podemos observar como algumas pessoas pensavam no suicídio como um instrumento para chamar à atenção.

“- Não posso mais! Não posso mais! Se hei de continuar a viver assim, prefiro morrer!... Marietta, enquanto proferia essas palavras com uma affectação capaz de impressionar a qualquer pessoa, dirigia-se á janella do quarto.

100 Dados levantados utilizando as notícias do jornal Diário de Pernambuco de 1920.

Durante os cinco annos que duravam as suas relações intimas com o bom de Gloussery, três vezes tentára suicidar-se daquelle modo, o qual tinha a virtude de amenizar o legitimo furor do seu amigo, exasperado, apesar de sua prudência e resignação, pelas scenas estúpidas e violentas que elle a cada passo lhe provocava.” 101

O uso do suicídio como instrumento para chamar à atenção pode ser observado num caso peculiar que ocorreu em 1921. O indivíduo Joaquim L. S. após uma discussão com a sua esposa, tomou um copo de água e logo após começou a gritar dizendo que havia ingerido ácido fênico, possivelmente como uma forma de enternecer a sua esposa. Contudo, a vizinhança foi alarmada e a assistência pública chamada, para a qual Joaquim confessou que não havia ingerido nenhum tóxico, mas devido a sua “brincadeira de mau gosto”, acabou sendo recolhido ao xadrez.¹⁰²

Quintino também defende o casamento, pois este serviria como uma forma de elevar a moral, evitar as moléstias venéreas e povoação do solo. Esta defesa ao casamento também foi notada em *O Dia* onde criticava os solteirões por levarem a traição às famílias. Possivelmente o casamento também viria como uma forma de evitar as modas imorais das mulheres, como foi mencionado anteriormente, pois uma vida moral, levaria a uma sociedade moral e, conseqüentemente, ao uso de roupas tidas com descentes. Contudo, Quintino tornou-se também a favor do divórcio nos casos de incompatibilidade de gênios dos cônjuges, assim, podendo evitar um futuro suicídio.

A última sugestão de Quintino recai sobre tornar o suicídio um crime, pois os “*Até agora, os dirigentes de massas humanas têm empregado apenas castigos que reflectem sobre o corpo material, putrescível, e, muito de leve, sobre os sentimentos religiosos do delinquente, quando este os tem*”¹⁰³.

101 ZAMACOIS, Miguel. “Suicídio Burlado”. Diário de Pernambuco. Recife, 10, abril, 1921.

102 DIARIO DE PERNAMBUCO. Recife, 06, janeiro, 1921, p. 4.

103 COSTA, Quintino. *Do Suicídio e sua prophylaxia*. Op. cit., p. 41.

Além da questão social de Durkheim, Freud pode auxiliar nos estudos do suicídio no Recife na década de 1920. Com o seu conceito de melancolia a pessoa acaba confundindo a si mesmo como um objeto, como no caso do menino Davino J. S.¹⁰⁴, de 15 anos, que se suicidou devido ao fato de que a sua mãe emprestou o seu cavalo ao seu tio, logo, nesse caso o objeto perdido seria um cavalo. Já nos casos de Severina F. A.¹⁰⁵ e de Sarah O.¹⁰⁶, as duas foram abandonadas pelos seus respectivos companheiros, logo, com seus objetos perdidos, buscaram o suicídio. Inclusive, as companheiras de Sarah O. solicitaram à polícia que não fizesse a autópsia do corpo, mostrando o tabu pelo qual o suicídio era envolvido na época.

Considerações Finais

Podemos observar que *“o indivíduo nunca está descompromissado com o meio social e com os vínculos que nele estabelece, estando o ato suicida sempre voltado ao mundo em que tal pessoa se insere”*¹⁰⁷.

Com a modernidade, houve uma reviravolta na vida cotidiana, mudando os valores e os costumes das sociedades, mudanças, estas, que foram alvos de críticas por aqueles que buscavam a volta dos valores tradicionais. Contudo, a modernização e a civilização do país mantiveram-se em andamento, deixando a sociedade desregrada e com os seus valores sociais deslocados, algo que Durkheim classificou como típico das sociedades modernas, industriais e comercial, cuja denominação para o suicídio típico dessas sociedades foi por ele determinado de suicídio anômico.

Assim, a civilização e a modernização foram tidas como influenciadoras no aumento das taxas de suicídio, visto que o suicídio sempre existiu. Então, desde o século XIX, observou-se que esses dois fatores mudaram a vida

104 DIARIO DE PERNAMBUCO, Recife, 05, maio, 1920.

105 DIARIO DE PERNAMBUCO, Recife, 24, março, 1920.

106 DIARIO DE PERNAMBUCO, Recife, 25, setembro, 1920.

107 DIAS, Maria Luiza. *Suicídio: Testemunhos de adeus*. Op. cit., p. 180.

cotidiana, destruindo as relações sociais tradicionais e, consequentemente, afetando as taxas de suicídio. Vale lembrar que segundo Durkheim, a integração social era a chave fundamental para evitar o aumento do suicídio.

Logo, evidências sugerem que houve um aumento nas taxas de suicídio no Recife da década de 1920, pois a modernidade veio a afetar os laços sociais, morais e religiosos da sociedade recifense, deixando, em aberto, uma sociedade desregradas e com intenso conflito entre os valores tidos como tradicionais versus os tidos como modernos.

Referências Bibliográficas

ALVAREZ, A. *O Deus Selvagem: Um Estudo do Suicídio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BAPTISTA, Makilim Nunes. *Suicídio e Depressão: Atualizações*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

BONADIO, Maria Claudia. *Moda e Sociabilidade: mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920*. São Paulo: Senac São Paulo, 2007

CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez (editores). *Suicídio: uma morte evitável*. São Paulo: Atheneu, 2006.

COSTA, Quintino Castellar. *Do Suicídio e sua prophylaxia*. Tese da Faculdade de Medicina da Bahia, 1927.

DIAS, Maria Luiza. *Suicídio: Testemunhos de Adeus*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

DURKHEIM, Émile. [1897] *O Suicídio*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

FERREIRA, Jackson A. *Loucos e Pecadores: suicídio na Bahia no século XIX*. Dissertação de Mestrado em História. UFBA, 2004.

FREUD, Sigmund. “Além do Princípio de Prazer”. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. Vol.XVIII.

_____. “Contribuições para uma discussão acerca do Suicídio”. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. São Paulo: Imago, 1969. Vol. XI.

_____. “Luto e Melancolia”. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. São Paulo: Imago, 1969. Vol. XIV.

KUSHNER, Howard I. “Suicide, gender, and the fear of modernity in nineteenth-century medical and social thought”. In: *Journal of Social History*. Vol. 26, No. 3, 1993. pp. 461-490.

LOPES, Fábio Henrique. *A Experiência do Suicídio: Discursos Médicos no Brasil, 1830-1900*. Tese de Doutorado em História. Universidade Estadual de Campinas, 2003.

LORENZO, Helena; COSTA, Wilma (orgs). *A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno*. São Paulo: UNESP, 1997.

MINOIS, Georges. *History of Suicide: Voluntary Death in Western Culture*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1999.

MELEIRO, Alexandrina; TENG, Chei Tung & WANG, Yuan Pang. *Suicídio: estudos fundamentais*. São Paulo: Segmento Farma, 2004.

NUNES, Everardo Duarte. “O Suicídio – reavaliando um clássico da literatura sociológica do século XIX”. In: *Caderno Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 14(1), jan-mar, 1998, 7-34.

PRIORE, Mary Del. *História do Amor no Brasil*. 2 ed., São Paulo: Contexto, 2006.

MONTENEGRO, Antonio Torres, et al (org). *História: cultura e sentimentos: outras Histórias do Brasil*. Recife: UFPE; Cuiabá: UFMT, 2008.

REZENDE, Antonio Paulo. *(Des)Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX*. Recife: FUNDARPE, 1997.

_____. *O Recife: Histórias de uma cidade*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002.

RODRIGUES, Marly. *O Brasil na Década de 1920: Os anos que mudaram tudo*. São Paulo: Ática, 1997.

SERAINE, Florival Alves. *Suicídio e Mimetismo*. Tese em Medicina Legal. Bahia: Faculdade de Medicina da Bahia, 1930.

SOUZA, José de Araujo. *Do suicídio por envenenamento, principalmente na Bahia*. Tese em Medicina Legal. Bahia: Faculdade de Medicina da Bahia, 1929.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Prevenção do Suicídio: Um Recurso para Conselheiros*. Genebra: Organização Mundial de Saúde, 2006.